

A Ironia Étnica do Fim da História

Tiago Santos

Númena, Centro de Investigação em Ciências Sociais e Humanas

De há dez anos a esta parte a imigração foi elevada à condição de problema social no espaço público português. Muitos de nós hoje aqui reunidos temos sido obreiros desse agendamento do tema da imigração. O presente congresso oferece-nos uma boa oportunidade de reflectirmos sobre este nosso labor de uma década.

Num artigo justamente célebre, intitulado «As funções positivas da pobreza», Herbert J. Gans (1972, *American Journal of Sociology* 78: 275-89) enumera grupos para os quais o problema social da pobreza se tornou um nicho de mercado ou modo de vida: psicólogos, padres, assistentes sociais, sociólogos... muitos quadros médios dos mais variados tipos auferem o seu salário na luta contra a pobreza. Também a imigração tem a sua clientela, minhas senhoras e meus senhores, e essa clientela somos nós. Por consequência, há premissas de base que não questionamos, pressupostos que fazem parte do não dito e que, se questionados, nos deixam em crise ontológica. Alguns exemplos das perguntas que não fazemos são, desde logo: é a imigração um fenómeno societalmente relevante? Ou: será que categorias como imigrante ou grupo étnico detêm algum valor heurístico do ponto de vista sociológico?

Após dez anos de investigação primária e secundária sobre esta família de fenómenos as respostas a que vou chegando para estas perguntas são: não e não. Por um lado, os aspectos da vida da sociedade portuguesa geralmente associados à noção de imigrante surgem-me como meros epifenómenos da estratificação social; por outro, o poder explicativo da imigração como variável independente parece-me pouco ou nada acrescentar aos coeficientes de determinação múltipla dos nossos modelos. A grande excepção ao que aqui exponho é a esfera da discriminação, curiosamente um campo de investigação tremendamente deficitário entre nós.

Diz a narrativa-padrão sobre imigração que Portugal, qual Gregor Samsa, acordou no limiar do novo milénio para se descobrir mudado, para se descobrir diverso, heteróclito. Mas não o era já antes? Não havia antes um Portugal de esquerda e outro de direita? Um Portugal das grandes famílias, outro dos pequenos burgueses e ainda outro dos trabalhadores? Ao aceitarmos acriticamente a diversidade como coisa nova estamos a condenar-nos à incompreensão da verdadeira natureza desta “descoberta”. Há que mudar alguma coisa para que tudo se mantenha na mesma, escreveu Lampedusa n’*O Leopardo*. O nosso tema de hoje sugere-nos que também há que descobrir algo para poder esquecer o resto. E nós descobrimos a diversidade étnica para esquecermos a estratificação socio-económica.

Portugal, mercê do seu tristemente célebre atraso estrutural, ingressou tardiamente no rol dos destinos de imigração. Por consequência, só muito recentemente a conjuntura se começou a tornar favorável a que as políticas da identidade se substituíssem à política *tout court*. No meu entender, a americanização do debate político que cavalga a vaga migratória fere o modelo social europeu e condena à irrelevância a porção do espectro político que se estende da esquerda revolucionária à social democracia, inclusive. O crescendo enfoque político e sociológico na etnia em detrimento da classe, resulta pois num ataque directo aos valores do projecto europeu.

O país do qual importamos esta agenda, convém recordá-lo, notabiliza-se entre todos os demais pela ausência de luta de classes ou perspectiva de revolução num contexto de desigualdade social exacerbada. Como veio a ser possível esta improvável excepção? De onde emana este particularismo? Alguém se lembrará de apontar os valores do individualismo e da meritocracia cristalizados na ideologia do “sonho americano”: uma terra onde toda a gente pode ser bem sucedida, dependendo apenas do seu labor e

engenho. Contudo, é também possível argumentar que a conflitualidade social se assemelha a um jogo de soma zero no qual os recursos consumidos no atrito xenófobo entre “culturas”, “etnias” ou “civilizações” se encontram indisponíveis para ser empregues alhures, nomeadamente enquanto motores de progresso social. Descobriremos então que, por ironia étnica, o choque de civilizações pode bem ser condição necessária do fim da história.